

Para economista, o FMI não mudou

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Apesar de certa flexibilidade que poderá adotar em relação ao tratamento de alguns problemas econômicos brasileiros, o FMI continua mantendo intactas sua doutrina básica e as normas que regulam sua atuação, afirmou, ontem, no Rio, o economista Paulo Nogueira Batista Júnior, chefe do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas.

Assim o economista reagiu às informações recebidas de Washington, segundo as quais o ministro da Fazenda, Malson da Nóbrega, teria recebido da direção do FMI a informação de que não mais seria exigida a eliminação imediata do déficit público, mas, ao contrário, sua redução gradativa.



Para Nogueira Batista, que integrou a assessoria internacional do ex-ministro da Fazenda, Dílson Funaro, o governo Sarney não soube aproveitar a oportunidade criada pela decretação da moratória, há um ano, para negociar com os bancos credores um esquema para o pagamento da dívida externa. Agora, ao recorrer novamente ao FMI, provoca uma das reviravoltas mais espetaculares em relação à política anterior e aceita novamente incorporar-se ao esquema tradicional do sistema financeiro internacional.

No acordo anterior firmado com o FMI — observou Nogueira Batista —, o governo brasileiro assumiu compromissos que não pôde cumprir, nos anos 1983 e 1984, com perda de credibilidade para o País. Várias cartas de intenção, firmadas com o FMI, estabelecendo metas para diversos aspectos da política econômica, foram descumpridas, causando inclusive grande instabilidade na economia nacional.

Naquela época, disse ainda o economista da FGV, estabeleceu-se um mecanismo de rédea curta, vinculando-se aos empréstimos do FMI o desembolso de recursos pelos bancos comerciais credores do Brasil. Tal situação agravou ainda mais as dificuldades econômicas enfrentadas pelo País, afirmou Nogueira Batista. Segundo ele, a pergunta mais importante a se fazer agora é se o FMI mudará seus procedimentos em relação ao Brasil.

Para se avaliar aquela questão, Nogueira Batista aponta para declarações feitas em outubro de 1987, na última reunião anual do FMI, pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker III. Antecipando o que poderá ser uma posição mais flexível dos EUA dentro do FMI, e, em consequência, desse organismo, Baker admitiu a possibilidade da desvinculação daqueles desembolsos e a realização de controles semestrais, e não mais trimestrais, da economia dos países que peçam empréstimos ao FMI.

07/03/87

Batista Jr.: reviravolta